

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUL DE MINAS GERAIS – CAMPUS MUZAMBINHO
CeCAES
Licenciatura em Educação Física**

**GABRIELLE SANTOS MADEIRA
LETICIA NEOFITI DE CARVALHO**

**LUTAS:
Proposta pedagógica para alunos do ensino médio
a partir da teoria crítico-superadora**

**MUZAMBINHO
2012**

**GABRIELLE SANTOS MADEIRA
LETICIA NEOFITI DE CARVALHO**

LUTAS:

**Proposta pedagógica para alunos do ensino médio
a partir da teoria crítico-superadora**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Educação Física
do Instituto Federal do Sul de Minas - Campus
Muzambinho, como requisito para a obtenção
do título de licenciado em Educação Física
Orientador: Prof. Ms. Mateus Camargo Pereira.

**MUZAMBINHO
2012**

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, ____ de ____ de 20____.

DEDICATÓRIA

“Dedicamos esse trabalho primeiramente a Deus que nos guia sempre para o caminho do bem. Dedicamos também aos familiares e companheiros que sempre nos deram força e compreensão durante nossa jornada. E finalizamos essa dedicatória, contemplando ao nosso grandioso e querido professor Mateus, que sempre acreditou em nosso esforço e deu estímulo para conseguirmos sempre ir além...”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e sabedoria para seguir essa jornada. A minha família: mãe (Nena), pai (José) e irmã (Rafa) que sempre foram a base e o espelho da minha vida e em especial ao meu namorado Fagner Lopes que sempre apoiou e caminhou ao meu lado. Sem eles nada teria sido tão valioso. Aos meus amigos Letícia Neofiti e Faguinho Passos que passaram e dividiram comigo todos os momentos dessa jornada e ao meu orientador Mateus que fortemente contribuiu para meu desenvolvimento de modo geral. Agradeço, portanto todos aqueles que de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Gabrielle Santos Madeira

Agradeço em primeiro lugar, a Deus, por ter me guiado e iluminado em cada decisão a ser tomada. À minha família, em especial a meus pais e irmãos, que foram as bases de toda minha formação. Ao meu namorado, que esteve comigo nessa caminhada me dando força a todo momento. Aos meus amigos Gabi e Faguinho que acompanharam todas as fases durante esse trajeto e por fim ao meu professor orientador Mateus, que despertou em mim a importância de desenvolver trabalhos como este pensando não só no meu crescimento acadêmico, mas na relevância de trabalhos como este para uma sociedade.

Letícia Neofiti

EPÍGRAFE

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.

Autor: Paulo Freire

CARVALHO, Letícia Neofiti de; MADEIRA, Gabrielle Santos. LUTAS: Proposta pedagógica para alunos do ensino médio a partir da teoria crítico-superadora. 2012. 51f. Trabalho de conclusão de curso. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Campus Muzambinho - CeCAES, Muzambinho, 2012.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma proposta para o ensino do conteúdo lutas no ensino médio a partir da tendência crítico-superadora, bem como estabelecer um diálogo entre as lutas e os conhecimentos necessários para uma condição física saudável. Foi selecionada uma turma de alunos do 3º ano para aplicação das aulas e elaborado um plano de ensino do conteúdo contendo 10 aulas. Após a aplicação, análises e estudos dos resultados, concluímos que o ensino do conteúdo lutas na tendência crítico-superadora é inteiramente possível dentro da educação física escolar para alunos do ensino médio, assim como para qualquer nível de ensino mesmo que algumas variáveis inesperadas apareçam pelo caminho.

Palavras chave: Lutas, tendência crítico-superadora, ensino médio.

ABSTRACT

This study aimed to present a proposal for the teaching of content in high school fights from the *tendência crítico-superadora*, and establish a dialogue between fights and knowledge necessary for a healthy physical condition. We selected a group of students of 3rd year for application classes and prepared a syllabus of content containing 10 lessons. After application, analysis and studies of the results, we conclude that the teaching content the struggles in *tendência crítico-superadora* is entirely possible within the physical education for high school students, as well as for any level of education even if some unexpected variables appear along the way .

Keywords: Wrestling, *tendência crítico-superadora*, high school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividade de cooperação.....	27
Figura 2 – Discussão final da aula 2.....	27
Figura 3 – Preparação cabo de guerra.....	30
Figura 4 – Alunos no cabo de guerra.....	30
Figura 5 – Pesquisa em livros.....	33
Figura 6 – Discussão entre os grupos.....	33
Figura 7 – Apresentação golpes.....	34
Figura 8 – Apresentação paródia sobre lutas.....	34
Figura 9 – Vivência do jiu-jitsu.....	37

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I - Educação Física no Ensino Médio – sentidos e concepções.....	12
1.1 Ensino das lutas a partir da corrente pedagógica crítico-superadora.....	13
Capítulo II – Adolescência.....	16
Capítulo III - Lutas na educação física escolar.....	19
3.1 O trabalho de variáveis fisiológicas e/ou imagem corporal do conteúdo lutas na Educação Física escolar.....	21
3.2 Lutas e defesa pessoal.....	23
3.3 Lutas sem preconceito.....	23
Capítulo IV – Apresentando a pesquisa de campo e seus resultados.....	24
4.1 Materiais e métodos.....	24
4.1.1 Plano de aula e relatórios.....	25
4.2 Resultados e discussões.....	38
Considerações finais.....	44
Referências Bibliográficas.....	45
Anexos.....	47
Anexo I.....	48
Anexo II.....	50

INTRODUÇÃO

A educação física presente nas escolas tem uma característica voltada à prática desportiva, principalmente aos esportes coletivos como, por exemplo, o futebol, limitando a experiência e a vivência corporal e cultural do aluno. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), as demais áreas de estudo procuram aprofundar os conhecimentos dos alunos enquanto a Educação Física, limita-se aos conhecidos fundamentos do jogo e esporte.

O que muitos professores não vêem é que a educação física escolar apresenta inúmeros conteúdos importantes e que trazem um rico acervo cultural e histórico para proporcionar conhecimento aos alunos, conhecimento este que é capaz de promover e ampliar a cultura corporal do movimento.

Sendo assim, este trabalho surgiu com o intuito de apresentar uma nova proposta para aulas de Educação Física, utilizando do conteúdo lutas para promover novas possibilidades de aprendizado, aprendizado baseado em fatos históricos, de realidade social, além de aspectos físicos e não somente o fazer pelo fazer. Buscamos assim, despertar o interesse não só pelas lutas, mas pelo acervo de conteúdos que compõem a disciplina de Educação Física.

Desta forma, cabe-nos questionar: o que é necessário para a reversão dessa realidade encontrada atualmente nas escolas? O que os professores de educação física escolar devem mudar para proporcionar aos alunos mais conhecimento ao invés de visar somente o rendimento?

Além de trabalhar o conteúdo lutas com alunos do Ensino Médio a partir da teoria crítico superadora, buscamos estabelecer um diálogo entre as lutas e os conhecimentos necessários para uma condição física saudável. Pretendemos, com isso, contribuir para a superação do quadro atual da Educação Física escolar, no que tange ao monopólio dos esportes coletivos como conteúdo trabalhado.

No capítulo 1 tratamos os sentidos e concepções da educação física escolar que vem sendo alvo de grandes discussões atualmente. Abordamos, também, o ensino das lutas através da teoria crítico-superadora, concepção que valoriza a cultura corporal do movimento no ensino de qualquer conteúdo. No capítulo 2 discorreremos sobre nosso público alvo e o período em que se encontra, a adolescência, onde muitas mudanças acontecem. No capítulo 3 abordamos o ensino das lutas dentro da educação física escolar, com uma proposta de como deve ser

trabalhada de forma a proporcionar ao aluno não somente um rendimento físico, mais trabalhar aspectos de relevância social e cultura corporal. Em seguida, esboçamos nossa pesquisa de campo e seus resultados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

CAPITULO I – EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. SENTIDOS E CONCEPÇÕES

A Educação Física escolar tem sido alvo de grandes discussões nos últimos anos devido às diferentes visões sobre suas funções, métodos de ensino e conteúdos. Sabemos que na escola a ênfase se dá no esporte, visando selecionar atletas de categoria de base sem maiores preocupações com a formação humana.

Para Devide (1999 apud Neira e Matos, 2008), pesquisa feita em uma escola de ensino médio mostrou que alunos também não entendem o porquê da Educação Física na escola e a encaram como uma disciplina sem relevância para manter-se dentro do currículo escolar, com conteúdos repetitivos e sem aplicabilidade no cotidiano, além de não motivar a prática permanente de exercícios fora da escola.

Diferentemente das idéias de senso comum apresentadas pelos alunos nessa pesquisa, podemos dizer que a Educação Física Escolar apresenta sim seus conteúdos que são de extrema importância, porém há uma diferente visão entre as teorias da educação fazendo com que cada uma delas acredite em uma concepção diferente no trato com o corpo.

No ensino médio, a confusão é maior ainda. Segundo Matos e Neira (2008), as aulas de Educação Física neste período afastam-se de uma forma geral das características da faixa etária e, normalmente, do perfil desejado da escolarização no nível médio, perfil este que tem como objetivo a ampliação e atuação do aluno em manifestações da cultura corporal do movimento.

Muitas respostas sobre o real sentido da Educação Física escolar apareceram ao longo do tempo, porém a que mais se aproxima do que acreditamos ser o objetivo dessa disciplina na escola, relaciona a Educação Física com a cultura corporal do movimento. Segundo o Coletivo de Autores, na obra clássica *Metodologia do Ensino de Educação Física* (1992):

Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (1992, p. 33)

Segundo Betti e Zuliani (2002), a Educação Física enquanto componente curricular deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento fazendo com que ele produza, reproduza e transforme, usufruindo

dos inúmeros conteúdos propostos por essa área. Inúmeras propostas visam a superação da Educação Física existente nas escolas (excludente, selecionadora etc), porém pouco se tem investido na concretização destas propostas.

1.1 Ensino das lutas a partir da corrente pedagógica crítico-superadora

Os PCNs entendem a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como um componente curricular que introduz e integra os alunos nessa área, formando cidadãos críticos. Corrobora com a formulação do Coletivo de Autores (1992) que entende que o objeto da área de conhecimento da EF é a cultura corporal que se concretiza nos seus diferentes temas, quais sejam o esporte, a ginástica, o jogo, as lutas, a dança e a mímica.

Tal elaboração vem confrontar-se com a idéia hegemônica da área, que a associa ao aprimoramento da aptidão física dos indivíduos. Dessa forma, cabe uma explicação sobre os conceitos que representam uma inovação: cultura, corporal e movimento, dentro do contexto da Educação Física para uma melhor aceção acerca dessa teoria. E encontramos que para Daolio (2004 apud Darido e Rangel 2008):

A cultura é o principal conceito para a Educação Física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural. Assim, a intervenção pedagógica na área trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento.

O termo corporal vem de corpo, corporeidade e, sobretudo, é considerado objeto histórico e chave de acesso para o estudo da cultura. Para Neto (1996, p. 9), "o corpo é a base da percepção e organização da vida humana nos sentidos biológico, antropológico, psicológico e social".

De acordo com Santos (2008), isto significa dizer que nas ciências sociais o corpo é socialmente construído, ou seja, um fenômeno cultural, o que nos leva a compreendê-lo como um dado cultural e interpretá-lo de acordo com cada cultura.

Já em relação ao movimento, ou seja, conjunto de gestos corporais, podemos caracterizá-lo como sendo a forma de expressão e transmissão da cultura expressa no indivíduo. Segundo Campelo (1996 apud PCN 2000),

Quando os homens se comunicam usam todo o corpo e fazem dos gestos, textos, tomados num sentido mais amplo do que apenas movimentação de partes do corpo. Inclui desde o sutil franzir de

sobrancelhas até o vigoroso acenar dos braços, o jeito de andar e de se sentar. Gestos são textos, movimentos comunicativos do corpo impressos por uma determinada cultura.

A teoria crítico-superadora, de acordo com Coletivo de Autores (1992), define que a Educação Física é a disciplina que trata do conhecimento da área da cultura corporal e os temas da cultura corporal expressam um sentido que se interpenetram aos objetivos do homem e as intenções e os objetivos da sociedade. Ainda segundo o Coletivo de autores (1992), tratar desse sentido abrange as relações de interdependência dos conteúdos com grandes problemas sócio-políticos como relações sociais de trabalho, preconceitos, distribuição de renda dentre inúmeros outros. A reflexão assim é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir de seus interesses de classe social.

Assim a teoria defende uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais. Nessa perspectiva de entendimento a teoria crítico-superadora tem algumas características específicas no que tange a reflexão pedagógica, consideradas pelo Coletivo de Autores como “diagnóstica, judicativa e teleológica”.

Quando se trata do diagnóstico, remete-nos a constatação e leitura dos dados da realidade, dados estes que carecem de interpretação. Além disso, constata-se que a reflexão pedagógica deve ser judicativa, pois julga a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social; e teleológica, pois determina um alvo onde se quer chegar.

Além de trabalhar dentro desses três eixos, a teoria propõe alguns princípios curriculares no trato com o conhecimento, onde podemos citar: a) a relevância social do conteúdo, que implica em compreender o sentido e significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar; b) contemporaneidade do conteúdo, ou seja, o conteúdo do que de mais moderno existe no mundo contemporâneo; c) a adequação as possibilidades sócio cognitivas do aluno, ou seja, competência para adequar o conteúdo a capacidade cognitiva do aluno; d) a simultaneidade do conteúdo enquanto dados da realidade, onde os conteúdos são organizados e apresentados aos alunos de forma simultânea, e) do conhecimento espiralado, onde o conhecimento é construído de forma espiralada e vai se ampliando; f) além da

provisoriamente do conhecimento, onde se organizam e sistematizam os conteúdos de ensino, rompendo com a idéia de terminalidade.

Ainda segundo o Coletivo de Autores (1992), a aula na perspectiva crítico-superadora aproxima o aluno da percepção da totalidade de suas atividades e permite que ele articule uma ação com o pensamento sobre ela e o sentido que ela tem. Dentro dessa perspectiva, os conteúdos são trabalhados de acordo com os ciclos de escolarização. Esses ciclos são considerados pelo Coletivo de Autores (1992), uma forma de trabalhar os conteúdos simultaneamente que vão se ampliando no pensamento do aluno de forma espiralada. Assim sendo, esses ciclos não se organizam por etapas, os alunos podem lidar com diferentes ciclos ao mesmo tempo. Esses ciclos se organizam em: primeiro ciclo, sendo da pré escola até o quarto ano, conhecido como etapa de organização dos dados da realidade. Segundo ciclo, do quinto ao sétimo ano, onde o aluno inicia a sistematização do conhecimento, o terceiro ciclo, no oitavo e nono ano, onde amplia-se a sistematização do conhecimento e por fim o quarto ciclo, que compõe os três anos do Ensino Médio.

O grupo qual estamos falando, situa-se no quarto ciclo de escolarização se caracteriza pelo aprofundamento de sistematização do conhecimento. É um período em que o aluno começa a perceber, compreender e explicar que há propriedades comuns e regulares nos objetos e lida com a regularidade científica, adquirindo condições para ser produtor de conhecimento científico. Com isso o trabalho com as lutas se destaca devido à possibilidade que o aluno tem de refletir sobre esse conteúdo e acima de tudo estabelecer relações críticas e de realidade social acerca do tema, podendo intervir de maneira a defender seus interesses de classe.

CAPÍTULO II - ADOLESCÊNCIA

Ao realizar pesquisas sobre essa fase da vida, podem-se encontrar inúmeras concepções das quais acreditamos que a que mais se aproxima é a chamada “naturalizada”. De acordo com Benedict (1952), a

etapa conhecida como adolescência, a antropologia considera que essa fase corresponderia mais a um fenômeno cultural do que a uma inevitabilidade biológica. Em outras palavras, os comportamentos considerados como "naturais" na adolescência estariam mais ligados aos padrões culturais do que a determinadas condições fisiológicas.

Grande parte dessa fase é vivida dentro da escola, podendo o docente exercer alguma influência sobre a mesma. Com isso cria-se uma relação direta com o aluno, possibilitando influenciar sua vida externa à escola.

Quando o indivíduo passa da infância para a adolescência, sabemos que grandes mudanças ocorrem, gerando assim grande confusão em sua vida. Essas mudanças podem ser físicas, emocionais e comportamentais. Afloram repentinamente e muitas vezes o adolescente ainda não está apto a administrar.

Segundo Cruz e Junior (2010), nesse processo de mudanças (físicas e emocionais), o adolescente, na verdade, se vê totalmente confuso: até alguns meses atrás ele era uma criança em suas brincadeiras, atitudes, responsabilidades.

Na adolescência, segundo Aberastury e Knobel (1981), o indivíduo passa por uma fase considerada “luto” onde o seu corpo de criança já não existe mais, corpo este que se transforma, sente emoções, sofre frustrações e ao longo do tempo se acostuma. Nesse sentido ressaltamos que as transformações físicas causam grande impacto. Para os meninos podemos dizer que a voz engrossa, seu corpo parece aumentar do dia para noite, surge acne, entre outros. Para as meninas o aparecimento dos seios é um sinal visível causando às vezes certo constrangimento.

Disso decorrem as alterações nos estados emocionais, emoções estas que na adolescência revelam-se à flor da pele, trazendo como resultado diversas formas, manifestações e comportamentos. Coaduna com essas reflexões a afirmativa de Cruz e Junior (2010), quando ressalta que na busca da identidade o adolescente recorre, como comportamento defensivo, à uniformidade, que pode proporcionar segurança e auto-estima pessoal. Surge o espírito de grupo, pelo qual o adolescente mostra-se tão inclinado.

Nesta etapa de grandes mudanças, cabe ao educador intervir positivamente, de modo a proporcionar ao adolescente uma visão de mundo que o norteie e permita que ele progrida a níveis mais altos do ponto de vista cognitivo, emocional e comportamental.

Neira e Matos (2008) discorrem que o professor nesta etapa deve propor atividades de complexidade progressiva, o que leva a uma maior organização mental por parte do aluno. Constantes desafios aos alunos provocam desequilíbrios que precisam ser resolvidos e é nessa necessidade de voltar ao equilíbrio que ocorre a construção do pensamento/conhecimento.

Temos que ter em vista que as ações do professor influenciam diretamente a forma de ver o mundo, a personalidade do aluno, contribuindo para a formação de cidadãos críticos. Machado (1995) afirma que o professor, no desempenho de sua função, pode moldar o caráter dos jovens e deixar marcas de grande significado nos alunos em formação. Ele é responsável por muitos descobrimentos e experiências que podem ser boas ou não. Como facilitador, deve ter conhecimentos suficientes para trabalhar tanto aspectos físicos e motores, como também os componentes sociais, culturais e psicológicos.

Sendo assim a Educação Física é capaz de conceber a experiência humana como instância reveladora do ser e do existir e o movimento humano como uma linguagem que sintetiza emoções e sentimentos. Mais que clínica, quartel escola, quadra, o corpo é mundo. (VARGAS, 1990, p. 61).

O adolescente, dentro desse quadro, segundo o Coletivo de Autores (1992), adquire uma relação especial com o objeto, o que o leva a refletir sobre ele. Ele começa a compreender e explicar que há propriedades comuns e regulares neles, começando a se tornar mais crítico e defensor de seus interesses. Nesse sentido, cabe a inserção de conteúdos que possam estimular e trabalhar esse aspecto no aluno, como é o caso das lutas.

Segundo Daolio (1996 apud Nascimento 2008), devemos trabalhar lutas nesta faixa etária que se finaliza o ensino fundamental e inicia o ensino médio. Segundo esses autores, nesta faixa etária podemos trabalhar uma temática de caráter histórico, cultural e social, pois aí o educando já possui a capacidade de percepção crítica da realidade. Assim, estaríamos segundo Neira e Nunes (2006 apud Nascimento 2008) possibilitando a tematização junto aos alunos deste conteúdo, o que tem implicação na percepção e estudo dos sentidos produzidos

culturalmente e manifestadas nessas práticas, ou seja, relações de poder, consumo, gênero, classe, dentre outras.

CAPÍTULO III - LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física possui seus conteúdos, dentre eles destacamos a luta, conteúdo da cultura corporal do movimento. Segundo os PCNs:

As lutas são disputas em que os oponentes devem ser subjugados mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusões, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de lutas desde brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até práticas mais complexas da capoeira, do judô, do caratê.

Segundo Lançanova (2005) as lutas, como um ramo da Educação Física Escolar, reúnem um conjunto de conteúdos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor nas mãos do educador por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem. Embora as lutas possuam todas essas características, Lançanova (2005) ainda afirma que:

Nem sempre a Educação Física Escolar é desenvolvida de forma significativa com grande abordagem dos conteúdos. Estes estão resumidos à prática desportiva, principalmente aos esportes coletivos como voleibol, basquetebol, handebol e futebol, limitando a produção de conhecimento corporal e cultural do aluno.

Tal fato se deve na maioria das vezes, por justificativas como falta de espaço adequado e/ou materiais ou pelos próprios profissionais da área não terem conhecimento sobre lutas. Sendo assim, tanto os próprios profissionais da área quanto os demais profissionais da escola confundem as lutas com brigas, estímulo à violência, não se importando assim com o não aparecimento desse conteúdo e acreditando que ele seja algo que deve ser dispensado das aulas de Educação Física.

Crianças brincam de luta espontaneamente. Segundo Lehenbauer et al (2005) as lutas estão presentes desde a pré escola até o Ensino Médio, porém, na maioria das vezes esses jogos corporais são reprimidos por não serem considerados algo positivo e sim, de acordo com quem julga, apresentam riscos para a integridade física podendo transformar-se em briga generalizada.

Então, qual seria o melhor método para abordagem desse conteúdo sem que se esgote como um mero gerador de violência? Geralmente quando se fala em

aprender lutas, logo se remete as técnicas. Porém, na escola, não é isso que deve ocorrer exclusivamente. As lutas na Educação Física escolar devem ser trabalhadas de forma lúdica, sem visar o aprendizado de técnicas, mas proporcionar vivência a todos os alunos de forma inclusiva, permitindo a eles pensar sobre os gestos realizados. Deve ser apresentada de forma a valorizar a cultura corporal de cada um e estimulá-los a tornar-se cidadãos críticos.

Para Lançanova (2005) as lutas podem ser vistas como uma unidade (“lutas escolares”), onde o professor permitiria uma “mistura” de elementos das diferentes modalidades de lutas, consolidados em uma modalidade escolar, com regras próprias. Cabe ao professor, atuar como um educador, pensando no aluno como uma unidade envolvida em um todo. Desse modo, o aluno deixa de ser um depósito de informações, para ser um educando atuante, que não aceita apenas um aglomerado de conhecimento, mas um conhecimento que lhe sirva para a vida.

Podemos compreender, ainda com base em Lançanova (2005), que as lutas na Educação Física escolar,

constituem muito mais do que aprendizado de movimentos de ataque, defesa, deve-se enfatizar o entendimento dessa manifestação cultural do movimento humano em todos os seus níveis e relações: a criação e desenvolvimento dos movimentos historicamente produzidos, enquanto finalidade de combate ou autodefesa; os eventos desportivos enquanto movimentos sociais, econômicos e políticos; as diferenças entre as modalidades; os benefícios e riscos, psicológicos e físicos, da prática de lutas.

Em função disso, podemos nortear a prática das Lutas na Educação Física escolar que se encontra perdida, visando assim, a construção do conhecimento de forma a valorizar a cultura corporal do indivíduo.

Ao ministrar aulas de lutas na Educação Física escolar surge uma grande polêmica. Os pais, colegas de trabalho, acabam por gerar um enorme “alvoroço” devido à “violência” gerada pelas lutas no contexto escolar. Mas será mesmo que essa prática pode ser entendida como promotora de violência ou esta é uma visão simplista do que realmente representa esse conteúdo? Geralmente as lutas são pouco trabalhadas na escola, pois muitos associam esse aprendizado a violência.

Acredita-se que o aprendizado do conteúdo lutas pode tornar o indivíduo mais agressivo. Segundo Nascimento (2007) em uma pesquisa realizada por alunos do curso de Educação Física da UNIJUI (RS) e URI (RS) professores alegaram não ministrar o conteúdo lutas nas aulas devido a dois fatores principais: a falta de

vivência no conteúdo e principalmente a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco as práticas de luta, o que incompatibiliza a possibilidade da abordagem desse conteúdo na escola.

Sendo assim devemos levar o aluno a pensar sobre o seu antes e depois do aprendizado, se isso interferiu de fato no fator violência, se isso o tornou mais agressivo para que ele possa estruturar seu conhecimento sobre isso.

Lançanova (2005) afirma que, na luta, para os alunos, o outro não é um inimigo; é só um adversário. A relação existente não é de agressão, mas de interação. “Cria-se uma espécie de diálogo corporal”, os estudantes atacam, defendem-se, caem e, no final, voltam à condição de colegas, sem se sentir desrespeitados. Não é à toa que, na maioria das artes marciais, os embates começam e terminam com um cumprimento.

3.1 O trabalho de variáveis fisiológicas e/ou imagem corporal no conteúdo lutas na Educação Física escolar

Os alunos do Ensino Médio, em sua maioria, são indivíduos que se encontram na transição da infância para a vida adulta. Os alunos nessa faixa etária demonstram uma grande preocupação com a imagem corporal e buscam formas de estarem sempre satisfeitos com seus corpos. Para isso, encontram na atividade física extra-escolar um maior “suporte”. Neira e Matos (2008) afirmam que o educando vem afastando-se das quadras, do pátio, dos espaços de prática motora escolares e buscando em locais extra-escolares a satisfação e aprendizado, como parques, clubes, academias, agremiações ou festas regionais. Tal fato aponta para o afastamento das práticas motoras escolares e não um desinteresse do jovem pelas manifestações da cultura corporal.

Analisando essa afirmação, acreditamos na necessidade de apresentar ao educando aspectos relevantes que englobam a imagem corporal como o conhecimento de variáveis fisiológicas, treinamentos de academia, aptidão física dentre outros. É importante que o educando conheça o funcionamento dessas variáveis e aspectos que também são conhecimento da Educação Física e deve ser transmitido aos alunos.

Trata-se, portanto, de um tema que se pode trabalhar na Educação Física Escolar. Cabe ao professor especificar o que pode ser ensinado, e de acordo com Mendes (2006) os conhecimentos de fisiologia

são aqueles básicos para compreender as alterações que ocorrem durante as atividades físicas, (frequência cardíaca, queima de calorias, perda de água e sais minerais) e aquelas que ocorrem em longo prazo (melhora da condição cardiorrespiratória, aumento da massa muscular, da força e da flexibilidade e diminuição de tecido adiposo).

Neira e Matos (2008) frisam a importância da participação dos jovens em atividades físicas de forma orientada e científica e acaba por constituir um pólo de discussões sobre a veracidade e aplicabilidade de pseudoconhecimentos e mitos que circulam no âmbito do exercício físico e estética. Sendo assim, a compreensão do funcionamento do organismo no que concerne ao consumo de energia ou acúmulo em forma de gordura, por exemplo, poderá diminuir a prática tradicional entre os jovens, de jejuns prolongados, utilização de inibidores de apetite e as práticas desportivas com excesso de agasalhos para alcançar silhuetas culturalmente aceitas como belas.

Para transmitir esse conhecimento aos alunos podemos utilizar dos conteúdos da Educação Física, afim de que vivências levem a questões polêmicas e de relevância social, o que é de suma importância, segundo o Coletivo de Autores (1992).

Ao mencionarmos essas questões parece-nos simples, porém pode ser de enorme complexidade se não houver do educador um planejamento com objetivos claros a serem alcançados. O educador deve ter sua meta traçada para que isso não se torne uma avalanche de informações sem seqüência ou sentido algum ao educando.

Partindo desse conceito acreditamos que durante a vivência dos conteúdos da Educação Física, como é caso das lutas, muitas questões no que tange a imagem corporal e variáveis fisiológicas surge pelos próprios alunos durante as aulas.

Portanto, cabe a nós educadores, mediar as informações dos alunos, estimular o pensamento crítico em relação a essas questões, esclarecer dúvidas, o que já seria de grande valia ao jovem.

3.2 Lutas e defesa pessoal

Os alunos de Ensino Médio, apesar de estarem em uma etapa de reelaboração de conhecimentos e sistematização do senso crítico, ainda possuem muitas influências que os levam a ter um pensamento de senso comum. Talvez este fato esteja ligado à forma como o conhecimento é apresentado a eles e por esse motivo, cabe-nos propor novas formas de pensar sobre um determinado objeto e/ou assunto. Sendo assim, no contexto de lutas e defesa pessoal, temos que deixar explícito que não podemos utilizar os movimentos aprendidos em qualquer lugar e com qualquer pessoa. É nosso dever ensiná-los para que pense sobre ele e não hajam de forma agressiva fora do ambiente escolar.

Dentro deste contexto cabe trabalhar com os alunos o sentido da aprendizagem desses movimentos e como utilizá-los.

3.3 Lutas sem preconceitos

Sabemos que muitas vezes a própria sociedade acaba por estereotipar modelos para determinadas tarefas. Vemos isso claramente quando ouvimos dizer que “o futebol é coisa de homens”, ou “a dança é coisa de meninas”. Nas lutas não é diferente. Geralmente o estereótipo criado neste caso é de que apenas homens grandalhões e fortes podem lutar o que não corresponde à realidade. De acordo com Pereira e Feron (2010), geralmente, nas lutas as meninas são identificadas como masculinizadas e se submetem a uma manifestação da cultura corporal ligada essencialmente a uma das matrizes de gênero, no caso, a masculina. Busca-se assim trazer um conceito dinâmico de bom entendimento, onde a palavra luta esteja bem empregada e possa assim ser recebida sem discriminações ou qualquer eventual erro ao assimilar.

Temos que deixar claro aos nossos alunos que qualquer um pode lutar e fazê-los refletir sobre isso. Seja homem, mulher, fraco ou forte, cada um deles possui características que em determinados momentos os farão vitoriosos. Neste sentido, devemos mostrar aos alunos movimentos que podem favorecer cada um desses grupos e como trabalhá-los para que utilizem de seus aspectos a seu favor.

CAPÍTULO IV – APRESENTANDO A PESQUISA DE CAMPO E SEUS RESULTADOS

4.1 Materiais e métodos

O presente estudo foi realizado no Colégio Municipal Dr. José Vargas de Souza, situado na Avenida Champagnat, 668, no Centro da Cidade de Poços de Caldas – MG. Participaram do estudo 31 alunos do terceiro ano do Ensino Médio, sendo 12 do gênero masculino e 19 do gênero feminino. Os alunos possuíam idade entre 16 e 19 anos. Nenhum deles é portador de alguma necessidade especial. O período de realização das aulas foi de 21 de março a 11 de maio de 2012. O Colégio possui um campo de futebol, três quadras - sendo uma coberta e duas descobertas - um galpão para a realização de atividades e salão de jogos que foram disponibilizados para a prática de atividades quando disponíveis, pois são utilizados pelos demais professores. Além destes espaços foi utilizada a sala de aula e sala de vídeo para aplicação de algumas atividades, além dos seguintes materiais: notebook, data-show, caixas de som, lápis, caneta, papéis, retalhos de pano, câmera fotográfica, bancos de madeira, corda colchonetes e tatame de EVA.

Os procedimentos da pesquisa foram os seguintes:

- 1) Foram elaboradas e aplicadas 10 aulas do conteúdo lutas a partir da teoria crítico–superadora, onde frisamos alguns aspectos como força, agilidade, além de cooperação e respeito ao próximo.
- 2) Para participarem das aulas os alunos levaram aos pais um bilhete explicando o projeto e um termo de uso de imagem, conforme consta como anexo 01 deste trabalho, para que eles assinassem consentindo o uso de imagem.
- 3) Foram realizadas coletas de dados diversas ao longo do trabalho: a) na primeira aula utilizamos uma ficha de avaliação individual, conforme anexo 02, a fim de detectar o conhecimento do aluno acerca do conteúdo abordado, o interesse sobre o assunto e as expectativas sobre as aulas que seriam realizadas; b) a partir da segunda aula fizemos as coletas através de vídeos, fotos e diários de campo relatando o ocorrido em cada aula; c) no decorrer das aulas utilizamos também como forma de avaliação trabalhos e exercícios sobre o conteúdo ministrado, constituindo mais um dado coletado.

4.1.1 Plano de aula e relatórios

Aula 1 – Apresentação do conteúdo lutas

Nesta aula tínhamos como objetivos diagnosticar o conhecimento que os alunos tinham sobre o conteúdo lutas, apresentar o objetivo do trabalho com as lutas na educação física e proporcionar uma visão crítica acerca da abordagem desse conteúdo. No início solicitamos aos alunos que se reunissem em um círculo e iniciamos um diálogo perguntando se algum deles já havia praticado alguma luta ou até ouvido falar sobre algo referente a esse conteúdo, seja nas aulas de educação física, nos meios de comunicação ou através de conhecido. A partir dessas perguntas os alunos começaram a manifestar suas opiniões. Durante o diálogo o professor comentou alguns aspectos relevantes que os alunos citaram. Após esse dialogo foi feito um paralelo sobre lutas e brigas, onde os alunos puderam perceber a diferença existente entre essas manifestações e o fato do senso comum acabar por rotular as lutas como promotoras de violência. Em seguida foram passados alguns vídeos de lutas profissionais tanto femininas como masculinas, de estilos diversificados, para que os alunos que nunca tinham visto pudessem ter um primeiro contato com o significado de lutas.

Após a realização dessa aula, foram preenchidos relatórios individuais dos alunos conforme consta como anexo 02, para que fosse feita uma melhor avaliação ao final do processo.

Nessa aula faltaram 8 (oito) alunos e foram 23, que se mostraram participativos. De maneira geral, a aula cumpriu com os objetivos propostos. Os alunos demoraram cerca de dez minutos para chegarem à sala e se organizarem.

Dentro dos objetivos de diagnosticar o que os alunos têm de conhecimento sobre as lutas, atingimos nosso objetivo. Embora tenham respondido às questões perguntadas, os alunos se apresentaram um pouco retraídos e quietos. Foram poucos os que dialogaram, independentemente de perguntas. Foi possível notar que todos estavam interessados no assunto que anteriormente nunca havia sido trabalhado na escola, conforme relato feito por eles.

Além do diagnóstico feito na aula surgiu a discussão de temas polêmicos tais quais a influência que mídia exerce nas lutas e outros esportes, o respeito no trabalho das lutas, as mulheres que lutam. Porém vimos que para que o diálogo

fluisse tínhamos que ficar perguntando sempre, pois a maioria não se manifestava, ficavam como observadores.

Apesar da participação da aula ter sido de 100%, notamos alguns alunos com fone de ouvido e alguns que se dispersaram um pouco.

Aula 2 – Início da apresentação do contexto histórico.

Esta aula teve como objetivos apresentar um pouco do contexto histórico das lutas aos alunos, mostrar os objetivos do trabalho de lutas ressaltando as capacidades e aspectos do corpo trabalhados numa luta, além de promover a integração, a união e a cooperação entre o grupo. Os alunos foram levados para quadra da escola onde foi realizada a primeira vivência corporal. Inicialmente, pedimos que os alunos se dividissem em duplas aleatoriamente e distribuimos pedaços de panos que eles colocaram nas calças. O objetivo da atividade era que um não permitisse que o outro retirasse seu pano do lugar. Após essa atividade posicionamos dois bancos de madeira que servem de acento na escola e pedimos que todos os alunos subissem neles. Feito isso, todos apertados em cima dos bancos, foi solicitado que eles se organizassem em ordem crescente sem que descessem do banco ou colocassem um dos pés no chão. Os alunos tiveram três chances para cumprir o objetivo. Num segundo momento foi pedido que se organizassem em ordem alfabética, onde também tiveram três chances para cumprir o objetivo.

Ao final das atividades ressaltamos aos alunos que tudo tem uma história, que cada uma das atividades que foram feitas possui uma história assim como as lutas. Em seguida mostramos que a importância de aprender lutas se dá no aprendizado do contexto histórico, além de aspectos que foram trabalhados, como a agilidade, o companheirismo, o respeito ao próximo e união. Citamos fatos que ocorreram durante a aula e jogamos as palavras união, cooperação, para que os alunos dessem indícios de como trabalhamos e como podem ser trabalhados esses aspectos nas lutas.

Tivemos um grande problema no início da aula, pois a professora da turma deu uma atividade antes da nossa e aula que seria de 50 minutos teve que ocorrer em 30 minutos. A aula ocorreu conforme o planejado, porém tivemos que dar uma acelerada na introdução e nas discussões. Na primeira atividade proposta notamos

que os alunos participaram, porém ainda um pouco retraídos, ainda com resistência a nós, mas compreenderam a proposta e cumpriram o objetivo. Na segunda atividade houve um retorno muito grande, todos participaram e se mostraram muito interessados. Foi notável o esforço e o prazer envolvido na realização da atividade.

Alguns alunos tentaram infringir algumas regras do jogo para ganharem, mas logo viram que não daria certo e fizeram o máximo até que conseguiram executar da maneira correta. Ao final na aula sentamos os alunos em círculo e fizemos uma rápida discussão. Já foi possível notar que eles estavam mais envolvidos, participativos, comentaram um pouco mais.

Os alunos entenderam o objetivo da realização das duas atividades e citaram frases tais quais “temos que trabalhar unidos para atingir os objetivos”, ou ainda “sabemos que as lutas ajudam a trabalhar muito a agilidade”, “a aula foi muito legal, muito interessante e diferente das que já tivemos”. Frases como essas serviram como avaliação do grupo já na segunda aula e nortearam nosso trabalho.

Na aula tivemos quatro alunos que não participaram, eles estavam trajando roupas inadequadas, sendo que uma menina estava com cólica, uma estava grávida e ficou apenas observando (ela não sabe que nós sabemos que ela está grávida), outra aluna não fez, pois disse que não estava muito bem e um menino ficou sentado com fone de ouvido. Uma das alunas que estava de atestado médico acabou fazendo a aula.

Se tratando dos contextos históricos tivemos que minimizar um pouco a fala devido ao tempo. Veja abaixo as fotos da aulas (fig.1 e 2).



Figura 1 – Atividade de cooperação



Figura 2 – Discussão final da aula 2

Aula 3 – Formas de utilização das lutas no decorrer da história

Esta aula teve como objetivos trabalhar o contexto histórico das lutas através de brincadeiras como a do cabo de guerra e braço de ferro e apresentar um pouco da capacidade força aos alunos. A aula se iniciou com uma contextualização histórica do conteúdo que se deu da seguinte forma: “As lutas surgiram deste o principio da humanidade, onde os homens tinham a necessidade de protegerem seus próprios corpos. É importante frisar que o termo lutas se diferencia das artes marciais. Enquanto as lutas se aplicam a qualquer combate, as artes marciais são mais específicas se aplicando tipos específicos de lutas. Como foi dito anteriormente, o homem tinha necessidade de defender seu corpo e essa necessidade foi crescendo até que os homens começaram a criar técnicas de combate contra os inimigos. A partir deste momento os povos começaram a criar o tipo de luta que se adaptasse melhor a sua cultura, cada um ao seu modo, foi ai que surgiram diversas lutas e artes marciais, cada uma com sua historia específica.

Assim como cada luta tem sua historia e características próprias, cada uma exercita mais certas capacidades e habilidades do individuo, porém todas têm em comum um trabalho voltado aos valores do individuo como o respeito ao próximo por exemplo. Se tratando dos trabalhos com o corpo a maioria das lutas trabalha com algumas capacidades físicas tais como a agilidade, flexibilidade, força, além de trabalhar com a respiração, concentração, trabalho postural, tópicos que serão abordados durante nossas aulas. É importante deixar claro que durante a realização de nossas aulas o respeito o próximo deve existir sempre. É importante que observem que um aluno às vezes pode ser péssimo na execução de um tipo de tarefa que predomina a força, porém ele poderá ser excelente na agilidade, portanto nas nossas aulas todos se encontraram iguais, nenhum acima e nenhum abaixo. Os gordinhos e mais desengonçados podem surpreendê-los. Após essa contextualização montamos as duplas e foi iniciada a atividade do braço de ferro utilizando o espaço da sala de aula e carteiras.

Após essa atividade fomos ao galpão do colégio, onde dividimos a turma em duas equipes e trabalhamos o cabo de guerra. Realizadas as duas atividades fizemos a contextualização das atividades trabalhadas da seguinte forma: “Hoje nós trabalhamos primeiramente com o cabo de guerra. Alguém sabe como surgiu o cabo de guerra? Conhecem o contexto histórico dele? Pois é, não se sabe ao certo onde surgiu o cabo de guerra, porém ele já era utilizado em cerimônias e cultos antigos desde a época dos egípcios. Vários povos tinham cerimônias que imitavam o cabo

de guerra e esta brincadeira já esteve presente nas Olimpíadas de 1900, em Atenas, na Grécia, em Paris, na França; 1908, em Londres, na Inglaterra; 1912, em Estocolmo, na Suécia; e 1920, em Antuérpia, na Bélgica. Apesar de não fazer mais parte das Olimpíadas, o Cabo de Guerra é um esporte reconhecido e participa dos Jogos Mundiais (World Games), que é uma competição organizada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional), no qual, participam apenas modalidades esportivas não-olímpicas, mas que são reconhecidos pelo COI. No Brasil esta modalidade era praticada para medir a força física entre as etnias indígenas participantes de todas as edições dos Jogos, como atrativo emocionante, que arranca manifestação da torcida indígena e do público em geral. Permite a demonstração do conjunto de força física e técnica, que cada equipe possui. É uma das provas mais esperadas pelos atletas, pois muitas equipes treinam intensamente em suas aldeias, puxando grandes troncos de árvores. Isso porque, para os indígenas a força física é de suma importância, dando o caráter de destaque e reconhecimento entre todos. Na preparação de seus guerreiros, os índios sempre procuraram meios de desenvolver e medir a coragem e os limites de sua capacidade na força física.” Após esta fala os alunos teceram alguns comentários e a aula se finalizou.

A aula ocorreu conforme o planejado, inicialmente apresentamos o contexto histórico de forma mais tranquila, pois na última aula tivemos que passar rápido por isso. Na aula teórica, todos os alunos estavam presentes em sala, porém alguns se dispersaram durante a apresentação do contexto histórico. Feito isso partimos para a atividade 1, onde os alunos dentro da sala mesmo brincaram de braço de ferro.

Todos os alunos fizeram a atividade, somente 1 aluno que estava com o braço machucado auxiliou os demais alunos. Esta atividade foi satisfatória e teve participação efetiva da turma. Ao final da atividade perguntamos o que ela exige do corpo e os alunos responderam força, braços. Depois descemos para a realização da segunda atividade, uma das alunas não desceu conosco (grávida). Os demais desceram e todos participaram da atividade cabo de guerra. Todos participaram e mesmo as meninas reclamando da corda machucar um pouco a mão, não deixaram de fazer a atividade.

Ao final dos cinco minutos de aula a professora da escola pediu que os alunos subissem, pois não estavam com roupas adequadas e nossa aula finalizou neste instante, quando solicitamos que na próxima aula todos viessem de roupas próprias para que não tivéssemos problemas. Dissemos que ao início da próxima

aula também discutiríamos as atividades dessa aula. Nesta aula os alunos já estão bem mais desinibidos e se mostram bem mais participativos nas atividades. Tivemos problema somente nas conversas paralelas, dentro da sala, no momento da apresentação do contexto histórico. Veja algumas fotos da aula abaixo (fig. 3 e 4)



Figura 3 – Preparação cabo de guerra



Figura 4 – Alunos no braço de ferro

Aula 4 – Utilização de princípios das lutas no cotidiano

Esta aula teve como objetivos fazer retrospectiva do contexto histórico trabalhado até então, passar movimentos de defesa em situações cotidianas relacionando a realidade e estimular os alunos a refletir sobre os movimentos realizados. Inicialmente fizemos um pequeno resgate do contexto histórico trabalhado até então, juntamente com os conceitos diferenciais de lutas e brigas. Em seguida, fizemos uma retrospectiva dos conceitos trabalhados de força e agilidade e trabalhamos mais uma atividade de agilidade para que fosse melhor fixado.

A atividade se deu da seguinte forma: Os alunos com uma fita presa em alguma parte do corpo, cada um por si, correm a fim de retirar a fita dos demais companheiros. Conforme os alunos perdiam as fitas, iam se sentando, a atividade só finalizou quando a última fita foi retirada. Em seguida, tratamos de situações cotidianas que envolvem defesa dos alunos e mostramos alguns movimentos para que os alunos em duplas realizem os golpes de forma a pensar na sua utilização para o cotidiano. A aula foi finalizada com algumas considerações sobre os movimentos realizados.

Nesta aula houve a participação dos alunos, somente três ficaram parados pois estavam impedidos por motivo médico “de atestado” e uma que alegou estar com cólica. Os demais participaram da aula normalmente. Houve alteração do

planejamento de aula, pois a minoria dos alunos trouxe a pesquisa que era para ser feita. Pedimos aos alunos que de fato trouxessem a pesquisa para a próxima aula. Fizemos uma retrospectiva da aula anterior e propusemos mais uma atividade trabalhando agilidade e alguns golpes e formas de defesa pessoal, adequando sempre a realidade e cotidiano do grupo. Os alunos se mostraram desinibidos e perguntavam quando não entendiam alguns movimentos. Interessaram-se em saber como utilizar de outras formas.

Aula 5 – Avaliação e discussão de pesquisa e aulas

Nesta aula tivemos como objetivo avaliar o conhecimento obtido pelos alunos até a presente aula e discutir sobre as pesquisas realizadas em casa. Como a sala estava com um número pequeno de alunos (somente 11), devido às aulas estarem terminando mais cedo para conselho de classe dos professores, acabamos eliminando a discussão da pesquisa. Então passamos um exercício no quadro a fim de avaliar aprendizado do aluno até o presente momento. O relatório foi composto das seguintes perguntas:

1. O que vocês entenderam do contexto histórico de lutas?
2. Qual a diferença existente entre lutas e brigas?
3. Quais os aspectos físicos que foram trabalhados durante as aulas?
4. Quais os aspectos psicológicos foram trabalhados durante as aulas?
5. O que você está achando das aulas? Qual a importância dessas aulas para você e sua vida? Justifique.

Após as respostas dos questionários os alunos estariam dispensados.

A aula teve participação de todos os alunos, apesar de ter sido uma aula avaliativa. Os alunos responderam algumas questões (conforme citado no plano de aula). Foi de grande valia, pois houve um momento de troca e discussões. Os alunos, após algumas considerações das professoras sobre as aulas, se sentiram à vontade para manifestar suas opiniões, comentários e reclamações acerca de como são conduzidas algumas aulas, o que os tornam reprimidos diante de algumas situações. Nesta aula alunos que nunca se manifestavam se sentiram à vontade para falar abertamente e expressaram como achavam que deveria ser. Durante a

aula surgiram algumas falas que consideramos relevantes como, por exemplo: “eu quero ser professora para mudar essa realidade existente na escola”, “quando fomos reclamar para coordenação da escola, ainda fomos reprimidos. Então isso mostra que não temos voz ativa na escola, somente os professores estão certos”, “a supervisora também não tem voz ativa, a gente reclama e ela não toma atitude de nada, ela é muito passiva”.

Em determinado momento da aula, a professora disse que a sala era excelente para ser trabalhada e surgiu a seguinte frase: “porque vocês não participam do conselho para falar bem da gente? Pois todos os professores falam que nossa sala é muito ruim”. Percebemos que eles mesmos se culpam por algo que talvez seja um problema só deles, pelo fato de determinado professor julgar que a sala não é boa, eles se reprimem e não fazem por onde regressarem e tentar ter voz ativa.

Concluimos que essa aula além de nos sentirmos mais próximas, pudemos tirar algumas conclusões de grande importância para nossa avaliação. Vale frisar que a pesquisa solicitada na última aula não foi feita pelos alunos.

Aula 6 – Trabalho em sala

Esta aula teve como objetivos fazer uma segunda avaliação a fim de detectar melhor os que os alunos aprenderam com as aulas ministradas e desenvolver a criatividade, trabalho em equipe, autonomia dos alunos durante a aula com as pesquisas que estarão sendo realizadas. No início da aula houve uma explicação de como os alunos teriam de desenvolver o trabalho, com tempo da aula para pesquisa e elaboração de roteiro para entrega. O trabalho deveria ser realizado de acordo com os temas apresentados: Lutas na pré história, Lutas nas guerras, lutas dos índios, lutas na atualidade e conceitos de luta. Após a escolha dos temas e grupos os alunos foram liberados para fazer a pesquisa na biblioteca e elaborar a apresentação. Durante a aula fomos passando pelos grupos e dando opiniões e dicas para facilitar trabalho. As apresentações ficaram marcadas para a próxima aula.

Durante a aula alguns alunos foram a biblioteca fazer a pesquisa, porem alguns se dispersaram na quadra e tivemos que ficar chamando para que eles fosse para a sala ou decidisse o que seria feito. Ao final da aula, todos voltaram a sala e

entregaram o roteiro do trabalho a ser apresentado na próxima aula. Alguns alunos reclamaram do curto período de tempo para realização do trabalho, porém se empenharam para fazer. Outros fizeram o roteiro rapidamente e não se empenharam muito no assunto. Não houve problemas na aula. Vejam abaixo algumas fotos da aula (fig. 5 e 6)



Figura 5 – Pesquisa em livros



Figura 6 – Discussão entre os grupos

Aula 7 – Apresentação de trabalhos

Esta aula teve como objetivos principais detectar os conhecimentos elaborados e adquiridos e estimular os alunos a se expressarem e falar em público. A aula foi voltada a apresentação dos trabalhos elaborados pelos alunos. Cada grupo teve tempo livre para apresentação dos trabalhos.

A aula foi realizada na quadra e culminou na apresentação dos trabalhos dos grupos. Três grupos fizeram as apresentações dos trabalhos, os demais ficaram para a próxima aula devido a indisponibilidade de tempo. Os grupos que apresentaram foram Lutas nas guerras, onde os alunos apresentaram um poema retratando o que tinham entendido e uma parodia de música. Além desse grupo, apresentaram também o grupo de Lutas na atualidade onde os alunos falaram um pouco de algumas lutas que existem e nas mais conhecidas e logo após demonstraram alguns golpes de lutas como MMA, boxe e Muay Thai. O grupo que retratou a luta dos índios criou um poema onde falava um pouco das lutas dos índios e do cabo de guerra.

No geral, as apresentações foram muito boas, os alunos se empenharam nas pesquisas para realização dos trabalhos. Durante a aula o único problema que tivemos foi na concentração dos alunos em assistirem os demais grupos

apresentando, os alunos ficaram muito dispersos durante as apresentações dos grupos. Vejam fotos de algumas apresentações (fig. 7 e 8)



Figura 7 – Apresentação golpes

Figura 8 – Apresentação paródia sobre lutas

Aula 8 – Formas de utilização das lutas no decorrer da história – preparação para a guerra:

Esta aula teve como objetivos desenvolver princípios de ataque e defesa com os alunos; dar continuidade ao contexto histórico das lutas e finalizar a apresentação dos trabalhos dos alunos. A aula se iniciou com a seguinte fala: Nas aulas anteriores vimos o contexto histórico das lutas e pudemos observar que ela utilizada como forma de expressão de um povo em uma determinada época, como é o caso das lutas apresentadas como rituais e cerimônias religiosas. Vocês se lembram porque eles utilizavam o cabo de guerra? Na história, temos vários episódios que podemos considerar marcantes. Na opinião de vocês, pelo que vocês têm estudado, poderiam citar um episódio marcante? Dentre os episódios citados podemos ressaltar as guerras, que sempre estão presentes, que representam a luta de um povo por ideais, e que acabam por se disseminar em brigas, violência. Na história das lutas podemos citar que em um determinado período o foco era preparar soldados para a guerra. Na guerra, assim como nas lutas, há princípios de ataque e defesa, conforme vocês apresentaram nos trabalhos. Esse ataque pode visar a conquista de um determinado território e/ou ideal, dentre outros e defesa, afim de não deixar-se ser conquistado.

Para vivenciarmos esse contexto iremos dividir a sala aleatoriamente em duas equipes. A equipe A irá representar um país de direita da guerra fria e a equipe B um de esquerda. Cada equipe crie seu grito de guerra.

Vocês terão duas missões a serem cumpridas:

- Missão A – Trata-se do pega a bandeira modificado. As equipes terão que pegar a bandeira no campo adversário a fim de garantir a conquista do território, porém além da bandeira os adversários devem retirar 5 armamentos das roupas do outro grupo (prendedores). A equipe que conseguir pegar a bandeira e os armamentos primeiro tem parte do território conquistado.
- Missão B – trata-se de um combate em duplas onde um integrante de cada equipe irá tentar retirar o armamento do outro integrante.

Ao final da aula fizemos algumas considerações sobre as atividades propostas. A aula foi realizada na quadra coberta da escola. Nesta aula os demais alunos deveriam apresentar o trabalho, porém os alunos de um dos grupos faltou, então somente um grupo que estava faltando apresentou-se e o outro ficou para a próxima aula. Inicialmente houve a apresentação do trabalho desse grupo e logo após aplicamos as atividades propostas no plano de aula. Nesta aula poucos alunos participaram, muitos estavam de calça jeans e alegaram não estarem participando, pois teriam prova nas próximas aulas e queriam estudar, outros reclamaram que estava frio. Então explicamos as atividades que seriam passadas a todos e cerca de dezoito alunos fizeram a aula somente.

Após a realização das atividades chamamos todos os alunos e falamos um pouco mais sobre as lutas nas guerras questionando algumas situações com os alunos.

Aula 9 – Finalização de apresentação de trabalhos

Esta aula teve como objetivo a finalização da apresentação do trabalho do grupo que estava faltando e logo após foi feita uma discussão geral de todos os trabalhos apresentados, repassando um pouco do histórico e fazendo questionamentos aos grupos sobre o que faltou e o que foi importante nos trabalhos. Durante a aula os alunos se apresentaram mais concentrados na explicação do trabalho do grupo. Não houveram questionamentos sobre o trabalho apresentado. Após a finalização da apresentação fizemos uma retrospectiva geral dos trabalhos.

resgatando todo o histórico e fazendo algumas indagações que os alunos responderam tranquilamente. A aula não teve nenhum imprevisto e ocorreu de acordo com o esperado.

Aula 10 – Lutas na atualidade - um pouco de jiu- jitsu e kung fu

Esta aula teve como objetivo apresentar algumas lutas da atualidade desde seu contexto histórico até movimentos utilizados. Conseguimos com um dos alunos um pequeno tatame de Eva e montamos no galpão do colégio. Ao redor do tatame colocamos alguns colchonetes para maior conforto e proteção e iniciamos a aula com um dos alunos, que luta kung fu falando um pouco sobre e demonstrando uma sequência de movimentos – kati. Após a apresentação deste aluno, abrimos para perguntas sobre o kung fu, para que todos pudessem tirar suas dúvidas. Feito isso, a palavra foi dada a um convidado (lutador de jiu-jítsu) que nos contou rapidamente o histórico e regras desta luta, ressaltando os dados mais importantes.

Logo após um dos alunos que luta o jiu-jítsu fez uma rápida luta com o convidado para demonstrar aos demais alunos. Após essa luta os alunos foram convidados a vivenciarem alguns movimentos e fazer perguntas. A aula se finalizou com algumas considerações finais lembrando o porquê o aparecimento dessas duas modalidades, consideradas lutas da atualidade, mas que surgiram desde a época das guerras, finalizando assim as aulas sobre o conteúdo proposto.

Inicialmente os alunos se mostraram surpresos com os movimentos feitos, as histórias contadas de cada modalidade e se mostraram quietos. Após alguns minutos a curiosidade falou mais alto e começaram a fazer perguntas e participar de forma mais ativa na aula. A maioria dos alunos se mostraram meio receosos de ir até o centro fazer movimentos, porém alguns não deixaram de participar. A aula foi muito importante pelo interesse despertado nos alunos. Veja a foto abaixo (fig.9)



Figura 9 – Vivência do jiu-jitsu

4.2 Resultados e discussões

A fim de identificar se é possível o ensino das lutas no Ensino Médio a partir da tendência crítico-superadora, faremos uma análise através dos três eixos propostos pelo Coletivo de autores (1992): diagnóstico (referente a leitura dos dados da realidade), julgamento (o que deveria ser mudado) e transformação (onde se chegou), além de trabalhar dentro dos princípios curriculares do trato com o conhecimento.

1. Diagnóstico:

Nota-se um momento avaliativo de diagnóstico desde o início das aulas quando a fim de responder o questionário diagnóstico perguntamos aos alunos: “Vocês já praticaram algum tipo de lutas? Já ouviram falar, já viram em algum lugar alguma luta ou têm algum conhecimento sobre esse conteúdo?” A partir deste questionamento detectamos que o conhecimento dos alunos acerca do conteúdo era restrito, como pode ser vistos em algumas falas: “Já vi na TV, já ouvi falar, mas nunca passei por nenhuma experiência com lutas”. “Não acho importante o trabalho de lutas na escola” ou ainda “já vi em filmes”. Ficou muito claro que além de conhecerem pouco sobre o conteúdo, eles acreditavam que as lutas serviriam apenas para trabalhar aspectos físicos, que não tinham muita importância, não havia compreensão de que outros aspectos poderiam ser trabalhados tais como: história, aspectos morais e de relevância social.

Apesar do impacto causado na apresentação do novo conteúdo, pudemos perceber grande interesse: “não acredito que exista preconceito e adoraria aprender lutas”, “a proposta é boa, pois as nossas aulas são muito repetitivas”, “acredito que deveríamos aprender lutas na escola, pois o conteúdo não é visto”. A partir dessas respostas, expomos nossa proposta de trabalho com as lutas, que para eles, inicialmente se trataria somente de aprendizado de golpes ou alguma luta específica o que se comprova em falas como: “vamos aprender a lutar como nas lutas que vemos na TV?”, ou ainda, “vamos aprender jiu jitsu?”. Os alunos não entendiam que existiam vários tipos de luta, as diferenças de lutas de competição e das lutas como filosofia de vida, o que desde o princípio nos instigou a trabalhar dentro dos princípios curriculares no trato com o conhecimento, neste caso, a

contemporaneidade do conteúdo e a relevância social do mesmo. Pudemos apresentar as lutas de forma a trabalhar a importância dela dentro do ambiente em que eles se encontravam, além de falar sobre o que de mais moderno existe no mundo das lutas, o MMA, mais citado por eles durante as conversas.

Ao conhecer o que os alunos já traziam de conhecimento sobre o conteúdo e a visão que tinham sobre ele num primeiro momento, pudemos adequar as aulas a capacidade cognitiva do grupo, ou seja, consideramos o conhecimento inicial e procuramos introduzir e modificar esse conhecimento de modo que fosse mais rico e fizesse mais sentido dentro da realidade desses alunos. Segundo o Coletivo de Autores (1992), isto é de suma importância, pois oferece subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do educando, particularmente a sua condição social.

Inicialmente, os alunos se encontravam retraídos, com certo estranhamento, pois éramos pessoas desconhecidas trazendo uma proposta jamais vista nas aulas. Procuramos então utilizar de um dos princípios das lutas, a cooperação e observamos que os alunos se apresentavam um pouco individualistas e infringiam as regras de certas atividades, buscando a vitória acima de tudo. Podemos notar essas questões em falas como: “Ah professora, faz de um jeito mais fácil que assim não tem jeito” ou “Ah descumprir uma regrinha só não tem problema”. Eles não conseguiam compreender que juntos conseguiriam alcançar o objetivo.

Ao apresentarmos o contexto histórico das lutas, vimos que era algo novo para eles, a contextualização do tema embora apresentasse um conteúdo de história da humanidade, não estava sistematizado, apresentava-se fragmentado. Os alunos só tinham conhecimento de cenas distintas, não tendo conhecimento que havia uma conexão entre todas elas. Comprovamos tal fato quando ao perguntar: “a partir do homem das cavernas, como foi a evolução do homem?” não obtivemos nenhuma resposta. Isso nos deixou um pouco preocupadas, visto que se trata de um conteúdo que embora não tivesse sido visto nas aulas de Educação física, estavam presentes em outras disciplinas. Alguns alunos vinculavam as lutas o tempo todo a um tipo específica e afirmavam: “Acho que as lutas surgiram na Índia”, ou ainda, “ Há, elas surgiram no Japão”. Vendo isso, procuramos iniciar a apresentação do histórico sempre vinculando as brincadeiras, trabalhando sempre de maneira espiralada, apresentando o conhecimento inicial, que ia se ampliando. Utilizamos de um misto

de historia e brincadeiras para que eles assimilassem de maneira mais fácil, afinal a brincadeira despertava emoções e com emoções os alunos aprendiam.

Além de questões como estas pudemos notar que durante as aulas, quando realizávamos alguns movimentos ou pedíamos que eles realizassem, havia entre eles certo receio de tocar uns nos outros, eles não tinham noção da força que poderiam empregar ao tocar um companheiro além de não terem nenhuma noção de partes mais sensíveis do corpo. Era como se eles não conhecessem o próprio corpo. Quando pedíamos aos alunos para se dividirem em duplas para a realização de alguma atividade, era notória a separação de gênero, meninas não faziam duplas com meninos da sala.

Durante a realização de trabalhos solicitados aos alunos notamos que havia uma certa dependência. Os alunos não conseguiam pegar o tema de um trabalho e conduzir uma pesquisa de forma independente, eles tinham dificuldade em elaborar um texto ou roteiro a ser seguido a fim de atingir o objetivo proposto. Podemos observar isto em falas como: “A gente não consegue fazer isso, não tem onde pesquisar, é muito difícil”.

Um fato que muito nos chamou atenção nos alunos é que além de todas essas características encontradas, a sala no geral, tinha consigo um sentimento de inferioridade, sentiam-se sempre diminuídos, incapazes, derrotados. Era como se tudo que propuséssemos fosse muito difícil pra eles ou estivesse muito além de suas capacidades. Alguns alunos diziam “somos uma turma inferior as outras” ou ainda “dizem que nós somos banhados a bosta enquanto outras turmas são banhadas a ouro”.

2. Julgamento:

Durante as aulas ministradas os alunos deixaram claro que o conteúdo era realmente muito novo para eles e que eles tinham um conhecimento restrito, acreditando que as lutas era algo que servia somente para aprimorar aspectos físicos e desconheciam seu real sentido, podemos observar isso em falar como: “Acho que as lutas servem para melhorar o corpo”, ou “lutas como o boxe, por exemplo, podem auxiliar no aumento da força dos braços”. Conforme citado anteriormente, eles desconheciam que este conteúdo poderia estar ligado a fatores históricos e de realidade social e acreditavam desde o inicio que as aulas seriam apenas para aprender golpes e desenvolver o corpo. No inicio ouvíamos perguntas

como: “Vamos aprender a lutar boxe?” ou ainda “Eu sou fraca, não vou conseguir fazer nada e acredito que não seja importante aprender lutas na escola”. A partir de falas como esta ficou claro que nossas aulas seriam de treinamento de lutas específicas e pronto.

Alguns alunos inicialmente acabaram por desvalorizar a própria aula de Educação física, de tal forma a afirmarem que: “As aulas de Educação física são desnecessárias, e não entendo pra que aprender lutas, se quisermos fazer algum esporte procuramos depois das aulas!”

Tais atitudes e falas nos deixavam claro que havia uma extrema necessidade de mudança do grupo, de conhecer realmente o que poderia ser trabalhado e apresentar uma visão mais ampla acerca do conteúdo.

3. Transformação:

Pudemos perceber que a apresentação desse novo conteúdo aos alunos gerou grandes curiosidades. Ao iniciar a conceituação de lutas e diferenciá-las de brigas já obtivemos uma assimilação desse novo conhecimento quando os alunos nos davam exemplos perguntando se estavam corretos: “Então as lutas são essas mostradas na TV e vistas nos vídeos, como forma de esporte, enquanto as brigas são essas que vemos nas ruas, sem nenhuma regra ou consideração com o outro?”

Ao solicitarmos em um questionário que diferenciassem lutas e brigas obtivemos respostas como: “Lutas hoje são como esporte e brigas são apenas agressões físicas”, ou ainda, “As lutas são um tipo de esporte que utiliza de métodos de ensino para que os alunos não se machuquem. Já a briga, as pessoas utilizam para bater, machucar, matar a outra, às vezes as pessoas acabam confundindo lutas e brigas.”

A compreensão dos conceitos de lutas e brigas, embora apresentada de forma simples, se mostrava presente, o que já desde o princípio possibilitou um maior envolvimento do grupo, que tinha a imagem de que as lutas era algo negativo, violento.

Ao mostrarmos vídeos de mulheres lutando e trabalhar aspectos das lutas durante as aulas, muitas meninas que diziam não conseguirem ou diziam que as lutas não eram para elas, acabaram se interessando e deixando a idéia de lado, as meninas passam a participar das aulas e desenvolver as atividades propostas. Tal fato, se mostra, quando ao realizar movimentos em que a técnica se destacava,

alunas mais baixas e magras as vezes sobressaíam: “Olha, ela é maior que eu e eu consegui vencê-la!”, “Nossa, não acredito que consegui derrubar ela, não é possível!” Esse fator contribuiu com a auto estima das alunas que diziam “ não servir para lutar” e que as vezes se mostravam indiferentes ao conteúdo e proporcionou grande mudança: “ Quero aprender mais golpes e ficar boa nas lutas”

Quando propusemos atividades de cooperação, percebemos alterações nos alunos, quando viram que tentar infringir as regras ou atuar de maneira indevida não levaria a atingir o objetivo, então notamos uma mudança de comportamento em falas como: “temos que trabalhar unidos para alcançar os objetivos”.

Quando realizamos a primeira avaliação feita na forma de exercícios para que eles respondessem pudemos notar que o conhecimento apresentado até então sobre o contexto histórico apresentava-se muito fragmentado e superficial e optamos uma nova apresentação de trabalhos a fim de detectar melhor os conhecimentos obtidos.

Ao propormos um trabalho em que eles pudessem desenvolver o tema de forma mais independente e criativa pudemos notar grandes resultados. Os alunos já se encontravam mais desinibidos e conseguiram cumprir os objetivos esperados. Nos trabalhos apresentados os alunos puderam contribuir com o que tinham de melhor. Cada um utilizou de um conhecimento que tinha para auxiliar e o que inicialmente parecia uma tarefa quase impossível de ser realizada, ganhou novas formas. Alguns alunos chegaram a fazer música retratando um contexto histórico de lutas, surgiram poemas e até demonstração de lutas: “Na pré-história nós nos defendíamos com lança, feitas na esperança, de conseguir comida para os demais, eram lutas corpo a corpo contra os animais!”, “Para provar sua força e ganhar total respeito, para os índios era necessário ter peito. E é engraçado como o ser humano era, chegar a fazer cabo de guerra, pra mostrar que forte era...”

O paradigma existente entre eles de que a luta trabalharia somente aspectos físicos foi quebrado. Os alunos passaram a compreender que não só a lutas, mais diversos outros esportes e conteúdos possuem uma história, tem um porquê de existir, o que antes não fazia sentido a eles.

No decorrer das aulas alguns medos foram deixados de lado. Vimos que os alunos que apresentavam certos medos em executar movimentos e machucar o companheiro desenvolveram uma maior segurança, uma maior confiança em si próprios, embora o período para trabalhar este aspecto tenha sido pouco, e falas

como: “Não vou fazer isso, vai doer” foram substituídas por: “Agora sei como fazer e sei onde vai doer se forçar!”

Inicialmente havia uma separação de gênero que surgia naturalmente. Conseguimos notar alteração nesse quadro somente na última aula, quando proposta de realizar o trabalho misto foi apresentada de forma natural, mostrando que ambos os gêneros estariam em igual proporção.

Em relação ao sentimento de inferioridade que encontramos no grupo, promovemos algumas discussões sobre isso e sobre a importância deles acreditarem que conseguiriam realizar as coisas usando como exemplo nossas próprias aulas. Porém, apesar de entenderem e até acreditarem na proposta obtinham alguns insucessos nas tentativas de mudanças e isso os frustrava muito. A própria realidade da escola e a forma como são tratados os levavam a concordarem com tudo o que lhes era falado. Quanto a este fator acreditamos que seriam possíveis mudanças somente se houvessem grandes alterações não só no contexto daquela aula, mas em toda a realidade escolar. Mudanças estas que implicariam na forma com que os alunos eram tratados dentro da sala de aula pelo conjunto de professores que o acompanham, passando-os de sujeitos passivos e coadjuvantes a sujeitos pensantes e protagonistas e na forma com que eram vistos pelos superiores da escola, que implicaria na alteração de um grupo seguidor de regras, para um grupo que pudesse opinar sobre as regras existentes.

Ao final das aulas sentimos a satisfação por aprender lutas na escola: “Estamos muito satisfeitos por aprender lutas na escola”, “aprendemos que a luta tem uma história” ou ainda “foi muito importante não só para realizar uns movimentos, mas para outros conhecimentos também.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de cumprir com os objetivos propostos podemos concluir que há possibilidades do ensino das lutas no ambiente escolar através da tendência crítico-superadora. Além disso, pudemos estabelecer um diálogo entre as lutas e os conhecimentos necessários para uma condição física saudável.

O ensino das lutas na escola proporcionou aos alunos um conhecimento não só de aspectos físicos, mais de fatores históricos, antes não trabalhados nas aulas de educação física e totalmente desconhecidos para os alunos. A abordagem fez com que as lutas passassem a ser vistas de forma diferente. Através de conversas e falas citadas, pudemos notar que houve compreensão e aprendizado do grupo.

Além disso, foi possível que os alunos compreendessem a importância do trabalho em equipe que se fez presente durante as aulas. Houve também um aumento na auto-estima de alunos que se sentiam inferiores e fracos e diziam não servir para lutar.

Tentamos estimulá-los o tempo todo e fazê-los acreditar sempre que eram capazes, utilizando as próprias aulas. Porém acreditamos que para que isto seja modificado seja necessário um maior tempo e empenho de toda a equipe escolar.

A junção de meninos e meninas que antes pareciam não se misturar muito aconteceu naturalmente durante as aulas. Foi possível estimular a criatividade dos alunos através de trabalho em grupo, que proporcionou aos alunos uma liberdade de demonstrarem o que de melhor sabiam fazer.

Não foram encontrados problemas ao ministrar o conteúdo no que tange ao aspecto físico do ambiente escolar nem falta de materiais. A variável que interferiu durante as aulas foi somente a atitude da professora da turma em alguns momentos, que acabava por minimizar nosso tempo de aula.

Sugerimos, para os próximos estudos que se desenvolva o conteúdo com um número maior de aulas, o que resultará em maiores benefícios e uma avaliação ainda mais aprimorada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BARRETO, Selva Maria Guimarães. Esporte e Saúde. **Revista Eletrônica de Ciências**, São Carlos, v. 22, dez. 2003. Disponível em: <http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_22/esportesaude.html>. Acesso em: 17 Jan. 2012.

BENEDICT, R. *Patterns of culture*. Boston, Sentry Edition. 1959.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. **Revista Mackenzie De Educação Física E Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.73-81, 2002.

BOTH, Jorge; CORSEUIL, Herton Xavier; MALAVASI, Letícia de Matos. **O que a literatura comenta sobre a LDB o documento PCN de Educação Física no ensino médio: outras perspectivas**. Natal: Revista Virtual EF Artigos, v 03, n 23: 2006. Disponível em: <http://efartigos.atspace.org/efescolar/artigo61.html>
Acesso em: 18 Jan. 2012

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Educação Física**. Brasília, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CRUZ, Elio Oliveira; FIAMENGHI JUNIOR, Geraldo Antônio. O significado das aulas de Educação Física para adolescentes. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p.425-431, jun. 2010.

DARIDO,S.C; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola: Implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Koogan, 2008.

LANÇANOVA, J.E.S. **Lutas na Educação Física Escolar: alternativas pedagógicas**. 2005. Disponível em: <http://lutasescolar.vilabol.uol.com.br/>
Acesso em: 04 de Novembro de 2011

LEHENBAUER et all. **O ensino fundamental no século XXI: questões e desafios**. Canoas, RS: 2005. Editora da Ulbra. Ed 1.

MACHADO, A. A. **Interação**: um problema educacional. In: DE LUCCA, E. Psicologia educacional na sala de aula. Jundiaí: Litearte, 1995.

MATOS, M.G; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte, 2008. 5 ed.

MENDES, Flaviane da Silva; COSTA, Paula Hentschel Lobo da. Educação física escolar: Desenvolvendo conhecimento sobre o corpo. Disponível em:
Disponível em: <http://www.eefe.ufscar.br/pdf/flaviane.pdf>
Acesso em: 18 Jan. 2012

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do; ALMEIDA, Luciano de. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar**: restrições e possibilidades. Porto Alegre: Movimento, v13, n03: 2007.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do. Organização e trato pedagógico do conteúdo Lutas na Educação Física Escolar. Motrivivência: 2008.

NETO, S. S . Corpo, cultura e sociedade. In: NETO, Samuel de Souza. Corpo para malhar ou corpo para comunicar? São Paulo: Cidade Nova, 1996, p. 09-37.

PEREIRA, Cesar Augusto Ferreira; FERON, Patrick Vargas. As artes marciais nas escolas vistas por diversos ângulos. Buenos Aires: Revista Digital. Ano 15, vl 143: 2010.
Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd143/as-artes-marciais-nas-escolas.htm>
Acesso em:04 jul 2012

SANTOS; E. F. **Corpo: o retrato da cultura: a preocupação com a estética na sociedade contemporânea**. Florianópolis, 2008. Disponível em:
http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST59/erica_Fernandes_dos_Santos_59.pdf
Acesso em: 17/01/2012

VARGAS, A.L.S . **Educação física e o corpo**: a busca de identidade. Rio de Janeiro: Sprint, 1990

ANEXOS

Anexo I – Autorização dos pais

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____,

AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Leticia Neofiti** e **Gabrielle Santos Madeira** a coletar imagens (fotos/vídeos) e depoimentos para a pesquisa de conclusão de curso “Proposta pedagógica para o ensino de lutas a partir da teoria crítico-superadora”.

Autorizo também, a utilização dos dados coletados para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) pelos pesquisadores acima especificados, sem ônus para as partes envolvidas, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Poços de Caldas , ___ de _____ de 2012

Pesquisador responsável pelo projeto

Pesquisador responsável pelo

projeto

Sujeito da Pesquisa

Responsável Legal (Caso o sujeito seja menor de idade)

Srs. Pais ou responsáveis,

Estaremos desenvolvendo um projeto com os alunos durante as aulas de Educação Física, elaborados pelas alunas Letícia Neofiti e Gabriele Madeira, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Campus Muzambinho. Este trabalho será amostra de Trabalho de Conclusão de Curso das alunas, a ser apresentado no final desse 1º semestre de 2012, a fim de conquistar o título de Docente em Educação Física.

O projeto "Lutas: propostas pedagógicas para alunos do Ensino Médio a partir da teoria crítico - superadora" objetiva apresentar uma proposta para o ensino de lutas no ensino médio, bem como estabelecer um diálogo entre essa prática e os conhecimentos necessários para uma condição física saudável.

Para tal contamos com a compreensão e colaboração de todos nas entrevistas e filmagens que serão realizadas com os alunos e ficamos à disposição para eventuais dúvidas ou questionamentos.

Segue abaixo nosso telefone para contato, e caso haja dúvidas estaremos inteiramente dispostas em atender!

Desde já, muito obrigada!

Letícia Neofiti – (35) 8815-0849

Gabriele Madeira (35) 9126-7707

Graduandas do Curso Superior de Licenciatura em Educação Física –
IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. Membros do Grupo de Estudo e
Pesquisa em Pedagogia do Esporte e do Movimento (GEPPEM)

Anexo II – Questionário individual de conhecimento inicial sobre o conteúdo**FICHA DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL**

Data da Aula: ____/____/____.

Nome do Aluno: _____.

- Já praticou Lutas? () Sim () Não
Se sim, qual? _____.

1- Local de realização desta aula:

() Sala de aula () Quadra () Outro. (Qual? _____)

2- O aluno esteve presente nesta aula?

() Sim () Não

3- O aluno tinha conhecimento do conteúdo?

4- O aluno foi participativo nesta aula? De que forma?

5- Foi possível perceber que o aluno compreendeu a proposta (objetivo) desta aula?

6- O aluno fez algum tipo de comentário relevante sobre a aula?
Qual?

7- Outras observações importantes:

Gabrielle Madeira e Letícia Neofiti.